



Série Elas, óleo sobre tela, 40x50 cm, 2005

# Instituto Gustavo Rosa

## Roberto Rosa

*A única regra para mim é a pintura.  
Ela é eterna, com todo o seu infinito,  
com toda a sua magia.  
Gustavo Rosa, 1946/2013*

Gustavo Rosa viveu e alçou voo para outras plagas tendo a premissa acima como inspiração suprema para a criação de uma obra magnífica. Apesar de todo o sucesso alcançado, sua produção ainda é pouco conhecida em toda a sua extensão de linguagem e precisa ser reverberada e colocada a serviço do fazer artístico, da educação e da cultura. É dessa forma que nós, herdeiros, tratamos seu legado, numa respeitosa ação em defesa da conservação do patrimônio histórico e artístico brasileiro.

Em junho passado, em evento histórico, celebramos a abertura do Instituto Gustavo Rosa (IGR) com a mostra *Reencontros*, um panorama do acervo deixado pelo artista, enriquecido com aquisições feitas pelo espólio. Como o

próprio título sugere, a exposição traz à luz e oferece a seus admiradores a possibilidade de encontrar, reunidas, as várias fases das cinco décadas de produção intensa, nas quais Gustavo tratou seu trabalho com dedicação absoluta e magistral magia criativa.

Fundado em novembro de 2015, o IGR é uma associação civil sem fins lucrativos e tem como propósito maior resgatar, preservar, divulgar e disponibilizar a obra do seu inspirador. A partir do mapeamento junto a colecionadores espalhados pelo Brasil e exterior, a pesquisa realizada até agora pelo instituto já identificou, organizou informações a respeito e catalogou, além do acervo próprio, mais de 10% das cinco mil obras produzidas pelo pintor, desenhista, gravador, designer e escultor. Acreditamos que a disponibilização da obra completa de um artista para a sociedade é uma forte contribuição à reflexão sobre sua própria identidade cultural.



Série Palhaços, óleo sobre tela, 90x70 cm, 1974

O IGR também pretende criar – sempre em parceria com o melhor da inteligência advinda de áreas profissionais diversificadas, sejam pessoas, empresas, Institutos, fundações, universidades e/ou centros de pesquisa que comunguem dos mesmos princípios éticos que norteiam nossa jornada, e com objetivos comuns nas ações artísticas, educativas e inclusivas – grupos multidisciplinares de estudos, capazes de formular e implantar projetos socioculturais, além de propor às esferas públicas e privadas ações e programas que se tornem caminhos educativos – e de reeducação – e possam, assim, construir pontes para termos, no futuro, homens e mulheres que exerçam sua cidadania na plenitude.

Para manutenção dos propósitos elencados e dos projetos iniciados – um deles, com base em pesquisas realizadas entre 1999 e 2002 no Chelsea and Westminster Hospital, na Inglaterra (*A Study of the Effects of Visual and Performing Arts in Health Care*), o IGR está desenvolvendo iniciativas de revitalização e humanização de ambientes hospitalares e, em parceria com o Instituto da Criança do HC da FMUSP, vai adesivar as paredes da ala de diálise da instituição com a obra alegre, lúdica e colorida do artista, levando os benefícios das artes visuais aos pacientes, familiares, equipes médicas e de enfermagem, com comprovada redução da depressão, da ansiedade e dos custos com a saúde –, o instituto precisa encontrar empresas dispostas a abraçar suas causas e colar

sua marca em ideias inovadoras capazes de contribuir para as transformações exigidas pelo momento histórico que o País atravessa.

Curar a mostra que celebrou a abertura do IGR foi um privilégio para quem pôde assistir – na sala de jantar transformada em ateliê da casa dos nossos pais – o desabrochar do artista que mergulhou fundo na busca de seus sonhos. Quatro décadas depois de vê-lo naquela sala a riscar brancas telas que se transformavam em poesia pictórica, como num sublime passe de mágica, meu reencontro com sua produção tem, antes de qualquer outro significado, um aspecto emocional que me envolve num *revival* automático que brota diante do redescobrimto de pinturas que – no espaço entre minha saída para a faculdade e a volta à casa, na hora do almoço – via surgir numa espécie de processo ilusionista, tal qual as imagens fotográficas que vão se fazendo visíveis, magicamente, no papel imerso no banho revelador do processo analógico.

O reencontro do público, dos admiradores e amigos com as muitas fases da obra de Gustavo faz parte dos objetivos do IGR e deve ser disseminado em ações diversificadas, como era desejo do pintor, que entendia a democratização do seu trabalho como possibilidade real de levar a arte a outros rincões que não só os tradicionais, principalmente àqueles com menor acesso a ela.



Série Caras, óleo sobre tela, 50x40 cm, 2002

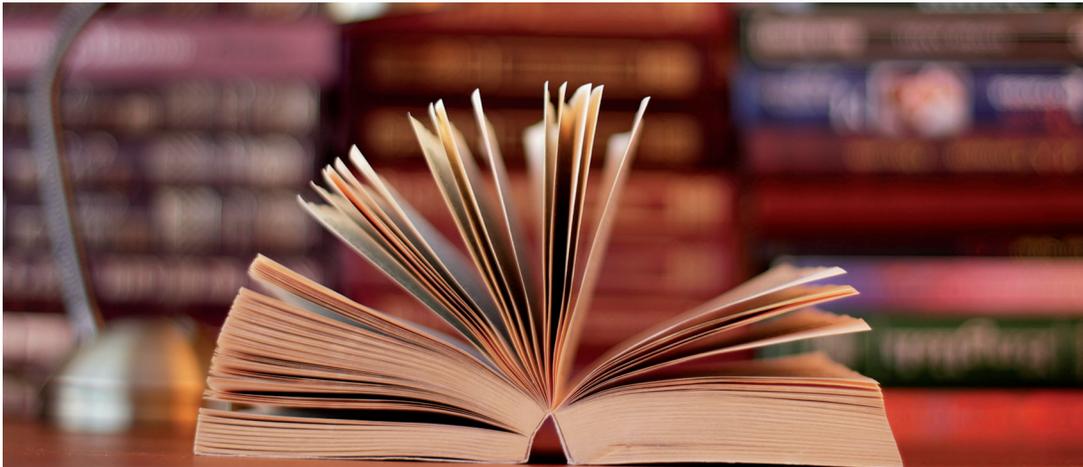
### Roberto Rosa

Diretor Executivo, Instituto Gustavo Rosa

# Cultura para todos

**Nelson Guimarães Proença**

Disponível em: <<https://www.theodysseyonline.com/books-for-break>>



Recebo um pedido para redigir, uma página que seja, destacando a importância de divulgarmos a Cultura. Destino: uma publicação da Secretaria Municipal de Cultura. Vamos lá.

Quando penso em Literatura, olho para as crianças que acabaram de ser alfabetizadas e vejo que elas estão aptas a ampliar o mundo que as cerca.

Quando penso em Cultura, dirijo meus pensamentos para os jovens e vejo que eles estão começando a dar conceito ao mundo em que vivem, a reconhecer a existência de valores, os que não se limitam ao que é material.

Pensando em todos, reconheço como é importante contribuir para que consigam pavimentar as estradas de suas vidas, cada qual percorrendo a sua.

Há dez anos vivo na antessala do Paraíso, no Vale dos Marmelos, e lá está comigo — vivendo e trabalhando — um excelente casal. Eles acrescentaram a nós uma filha, e isso já faz quase oito anos. Para ela sou também seu avô, para mim ela é mais uma neta. É desta pequena que vou falar.

Cedo percebi sua atração por revistas e livros, aquelas com figuras que explicavam as coisas; estes — os livros — para ela um grande mistério, um grande enigma, um não sei o quê. Perguntava-me se um dia poderia

descobrir os segredos ali escondidos. Seriam maravilhosos talvez?

No 2º ano do Ensino Fundamental chegou a tão esperada hora da alfabetização, e, logo nos primeiros meses, conversando comigo, teve um suspiro sentido, uma manifestação de vontade: "Ai, se eu já soubesse ler!".

Aprendeu muito depressa. Impulsionada por este desejo, passou a devorar a leitura do que era próprio para seus sete anos de idade, fazia com que participássemos de sua felicidade, esforçava-se e lia para nós. E também escrevia. Acaba de completar o 2º ano e está alfabetizada.

Assumindo, hoje, um ar de muita seriedade, pedi a ela que me ajudasse, que escrevesse alguma coisa. Sentou-se, concentrada, lápis na mão e papel à frente, pensou um pouco e escreveu:

"— Quando nós lemos viajamos para lugares que nunca fomos. Vemos o mundo de uma maneira diferente, gosto de ler porque me sinto alegre".

Aí está!

Literatura e Cultura para todos! Um mundo melhor para viver!

---

**Nelson Guimarães Proença**

Membro da Academia de Medicina de São Paulo

# Aristóteles *versus* Lei 13.146/2015

**José Luiz Pacheco**

O Boletim CREMESP n. 24 – 2016 publicou em Destaque reunião havida entre seu presidente, em conjunto com o delegado do Conselho e Psiquiatra Forense, mais representantes do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e a Associação dos Assistentes Sociais e Psicólogos do Tribunal de Justiça de São Paulo, para tratar sobre a geração de documento convergente sobre a efetivação, em sua plenitude, da Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015).

Segundo este boletim, a referida lei declara, em especial no que se refere à capacidade civil, que a pessoa com deficiência tem capacidade plena e dela deve gozar em igualdade de condições com as demais.

Vide publicação no link: [http://www.cremesp.org.br/bcremesp/?siteAcao=Busca&exibe=exibe&id=1496&&utm\\_source=akna&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Boletim+Cremesp+24+-+2016](http://www.cremesp.org.br/bcremesp/?siteAcao=Busca&exibe=exibe&id=1496&&utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=Boletim+Cremesp+24+-+2016)

Ao concluir a leitura, de pronto coloquei-me a refletir sobre o que tinha acabado de ler. Sei que todo o esforço em direção à inclusão do deficiente, buscando com isso oferecer a ele a maior proximidade possível dos não deficientes, merece todo nosso apreço e consideração. Haja vista ser um princípio constitucional que, em seu artigo 5º, *caput*, reza:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes.

Mas, não devemos nos esquecer do que escreveu Nelson Nery Junior em Princípios do Processo Civil na Constituição Federal:

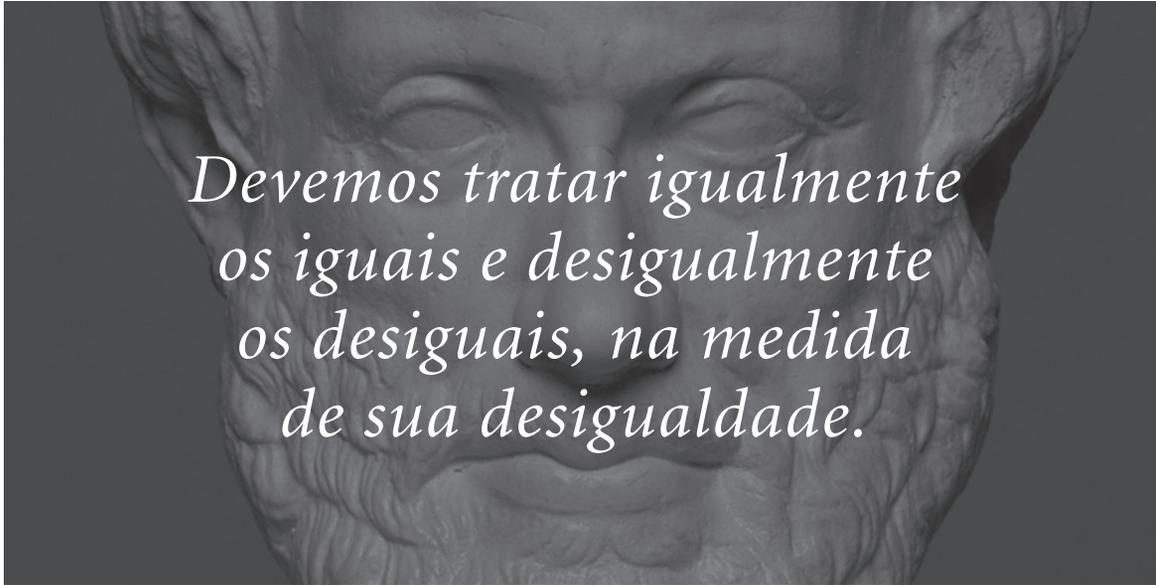
O princípio da igualdade pressupõe que as pessoas colocadas em situações diferentes sejam tratadas de forma desigual: "Dar tratamento isonômico às partes significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades".

Após apresentar este artigo e as considerações do jurista podemos dizer que, em um mundo moderno, sentimo-nos gratificados ao vermos as mais variadas formas de inclusão hoje existente, seja em um estacionamento, onde há vagas reservadas para deficientes, seja dentro das salas de espetáculos, os mais variados, onde se vê espaços para os cadeirantes, seja nos ônibus, que, geralmente, contêm equipamentos necessários para garantir o acesso aos deficientes, assim como os prédios com rampas de acessibilidade. Se estamos falando de deficientes cadeirantes, não podemos nos esquecer de que as calçadas, com a demarcação para o auxílio no tráfego aos deficientes visuais, são também muito bem-vindas. Podemos ir adiante e nos reportarmos para os mais variados programas de inclusão para os menores, portadores de deficiências cognitivas, tão frequentes em escolas públicas ou privadas, além de outros tantos exemplos que oferecem garantias de cidadania aos portadores das mais diferentes deficiências.

Entretanto, causou-me perplexidade ler no texto citado que o deficiente tem capacidade plena e dela deva gozar em igualdade de condições com os demais!

O que vem a ser isso? Igualdade para o diferente?

Quer me parecer que, salvo melhor juízo, o espírito de qualquer lei, norma, ou convenção que busque oferecer oportunidade *semelhante* ao deficiente deva levar em conta sua diferença e encontrar nele mesmo ou criar condições ambientais, para que possa usufruir *semelhantemente* com os não portadores de deficiências de todas as oportunidades que a sociedade possa oferecer. Pretender entendê-lo como *igual* seria desconsiderar sua diferença, e, além de retirar dele as oportunidades que as medidas inclusivas oferecem, caracteriza prática frequente nos dias atuais que, em nome do "politicamente correto", acaba por enxergar o mundo conforme o que pensam preconizar ideologias socializantes, tidas como



*Devemos tratar igualmente  
os iguais e desigualmente  
os desiguais, na medida  
de sua desigualdade.*

aqueles que possibilitam um mundo fraterno e igualitário. Ledo engano!

Mas, a leitura sobre o que foi tratado nesta reunião ainda nos ofereceu outro ponto de reflexão. Este tendo me tocado mais intensamente, por versar sobre as deficiências mentais e sua capacidade de arbítrio. Sendo eu psiquiatra, portanto acostumado com as questões que envolvem as deficiências mentais (*sensu lato*, não entrando aqui na diferenciação das deficiências mentais e psicoses) e as decorrências jurídico-sociais envolvidas, fiquei pasmo com as contradições que envolveram a narrativa.

Disse o texto sobre a importância de a pessoa com deficiência ter a tomada de decisão *apoiada*, processo pelo qual *elege* "pelo menos duas pessoas idôneas, com as quais mantenha vínculos e que gozem de sua *confiança*, para prestar-lhe apoio na tomada de decisão sobre os atos da vida civil, fornecendo-lhes os elementos e informações necessários para que possa exercer sua capacidade".

Tentando fazer leitura crítica do que foi explicitado, tomei a liberdade de grifar o que merece as considerações que faço adiante.

Segundo o texto, a pessoa com deficiência deve ser *apoiada*, logo, devo inferir do próprio texto, não pode, por si mesma, tomar decisões de vulto e que possam gerar consequências danosas para ela mesmo. Para tanto, deve *eleger* pelo menos duas pessoas.

Ora, para ser *apoiada*, ela *elege* pelo menos duas pessoas! Quer dizer que, para *eleger* duas pessoas para assisti-la, ela não precisa de *apoio*? Fico a imaginar a pertinência em acatar a *eleição* de duas pessoas por ela

escolhidas, se ela, *a priori*, tem sua capacidade limitada, tanto que precisará *eleger* essas duas pessoas para ampará-la!

E não para por aí. O texto ainda fala que essas duas pessoas deverão ser de sua *confiança*!

Como já referi, sendo psiquiatra, estamos acostumados com a ingenuidade (do latim *ingenuus*: natural, puro, sem malícia) dos deficientes mentais. Não infrequentemente nos deparamos com casos em que deficientes mentais são esbulhados por pessoas de sua verdadeira, e ingênua, *confiança*!

A propósito, lembro que, como bem lembrou o colega Dr. Guido Arturo Palomba, de inquestionável saber psiquiátrico forense, *a interdição existe como remédio jurídico social para proteger o incapaz!* Portanto, como evitar usar desse instrumento para a proteção desses deficientes?

Concluindo, afirmo ao final de minhas reflexões: às vezes, no afã em nos utilizarmos de ideais politicamente corretos, podemos estar causando mais malefícios do que benéficos! Não sendo demasiado lembrar o pensamento de Hipócrates: "o médico deve ter dois objetivos: fazer o bem e evitar fazer o mal", que, vertido para o latim, por Thomas Sydenham, transformou-se numa das máximas das boas práticas em medicina: *primum non nocere*.

# Que droga

**Cecília R. Proença**

O cérebro é objeto permanente de estudos, uma inesgotável fonte de surpresas. Quanto mais o conhecemos, mais maravilhosos ficamos. Uma de suas características que, há décadas, vem sendo estudada é a existência de circuitos cerebrais especializados – cada qual tem funções específicas.

Sabemos que um desses circuitos está voltado para produzir o prazer, a satisfação, a sensação de merecida recompensa, produzindo um sentimento de bem-estar. Mas, originalmente, esse circuito se tornou essencial para a sobrevivência da espécie, pois leva à busca de alimentos, aos atos voltados para a reprodução e, ainda, ao relaxamento, indispensável para o repouso. O sistema de recompensa, desse modo, torna-se importante mecanismo de autopreservação.

Em trabalhos experimentais, foi verificado que, conforme um indivíduo é recompensado com a sensação de prazer após um estímulo, ele é impelido a buscá-la, repetidas vezes. Cria-se, então, uma memória específica para isso: o circuito grava que, ao buscar e fazer, haverá recompensa.

O uso de substâncias psicoativas, isto é, que agem nos circuitos cerebrais, é uma prática milenar e universal. As drogas sempre foram usadas com fins religiosos, culturais, medicinais, para a obtenção do prazer, por meio da alteração da consciência. Qualquer que seja a finalidade do emprego, seu uso pode se tornar constante, acarretando a dependência.

Embora os mecanismos, mediante os quais as substâncias psicoativas levam à dependência, ainda estejam em processo de ser mais bem compreendidos, hoje sabemos que todas as drogas, sintéticas ou naturais, agem de forma direta ou indireta em um mesmo circuito cerebral, o sistema do prazer e da recompensa.

Este é o resumo de tudo. Temos um circuito neuronal que gera o prazer e a sensação de recompensa, e é sobre ele que as drogas psicoativas agem. Simples assim! Ou pelo menos simples o suficiente para que se possa entender o que vem agora.

Drogas usadas de modo recreativo podem subverter o sistema de recompensa, com o poder de ativá-lo em uma escala muito maior do que aquela que é provocada pelo prazer natural. O que as drogas psicoativas têm em comum? Podemos dizer que todas elas são capazes de causar euforia, bem-estar, "alívio da dor"; não de dor física, mas aquela "dor interna", que causa angústia, que dá "um vazio por dentro".

Quando falamos em dependência química, não estamos falando de um estilo de vida, mas de uma doença. Hoje sabemos que a dependência não está relacionada apenas da droga, mas tam-

bém do indivíduo e do meio social em que ele está inserido. Em situações que se agravam, o uso excessivo é acompanhado da perda de controle sobre si mesmo, da substituição progressiva de atividades importantes – de trabalho e de lazer. O indivíduo, mesmo assim, persiste no uso da droga, apesar de suas consequências enormemente negativas.

Nesses casos, a rotina do dia a dia passa, frequentemente, a se relacionar com a possibilidade de conseguir e usar determinada droga: andar na frente de um bar, encontrar determinada turma de amigos, ter algum dinheiro em mãos, tudo são situações que desencadeiam o desejo de uso. Muitas vezes, ao se deparar com essas situações facilitadoras, a pessoa já começa a sentir o prazer provocado pela droga antes mesmo de iniciar seu uso, "só de pensar em usá-la".

Isso significa que certos estímulos externos ativam o sistema de prazer e, a partir de um certo momento, é praticamente impossível que a pessoa contenha seu impulso: "Eu quero parar, mas não consigo controlar meu impulso". E ainda: "Quando vejo já estou usando, depois vem o arrependimento". São frases comuns, escutadas quando uma pessoa está motivada "a largar o vício". Essa perda de autocontrole leva constantemente ao risco de recaídas.

Uma das dificuldades no tratamento desses pacientes é que, quando procuram ajuda, muitas vezes têm expectativas exageradas em relação aos medicamentos que vão usar, ou à internação, achando que trarão "a cura para seu problema". Esse tipo de expectativa pode dificultar que o paciente assuma sua parcela de responsabilidade, delegando-a aos outros, esperando deles, o resultado desejado.

Infelizmente, esse campo da Psiquiatria ainda enfrenta dificuldades, sendo essas resultantes da insuficiência das estruturas de Serviços, da limitação de tratamentos farmacológicos, da deficiência no sistema de apoio, na dificuldade para a reinserção social. Mesmo assim, é importante que a dependência química seja compreendida como doença passível de tratamento, não como um hábito. E quanto maior for a motivação do paciente, sua capacidade de se vincular a um Serviço, sua possibilidade de contar com apoio familiar e social, maior será sua chance de mudança e de recuperação.

Em tempo: todas as expressões deste texto, que estão entre aspas, são frequentemente utilizadas pelos próprios pacientes.

---

**Cecília R. Proença**  
Médica Residente em Psiquiatria

## VENDO SEM ENXERGAR

Maurício de Sousa

"... o céu está azul, bonito.

Já estamos no meio da tarde.

Tem um ventinho gostoso brincando com minha cara, com os cabelos...

Poucas nuvens no céu...

Repara os passarinhos: estão todos quietinhos, meio que dormindo nos galhos das árvores.

O sol ainda está forte... mas a luz dele já está meio amarelada. Daqui a pouco, no fim da tarde, fica mais amarelo.

As montanhas, lá longe, uma atrás da outra, mudam de cor. As mais distantes são azuladas. As mais próximas, esverdeadas.

Tem florzinhas pintando o capinzal.

Um bichinho passou correndo. Não dá pra saber o que foi.

Tem uma estrada, lá longe, com caminhões e automóveis passando.

Mas tem, também, um avião, bem no alto. Quase não dá pra você ver.

Terminou o gramado. Agora, estou pisando em cascalho fino. Levanto poeira enquanto eu ando."

"E como você sabe tudo isso se é cego, Tônico?"

"Sei muito mais, Zé. Nem dá tempo de te falar tudo o que vou percebendo.

Mas... só pra explicar um pouco...

Sei que o céu está azul porque senti o sol forte quase todo o tempo, no meu rosto. Só de vez em quando é que uma nuvenzinha passava aí por cima e tirava o calor.

A brisa, o ventinho, você até sente melhor se fechar os olhos.

Os passarinhos que estavam cantando até agora há pouco, só podem estar descansando, mais quietos, antes da revoada que vão fazer quando anoitecer, pra catar os insetos que começam a sair por aí em maior quantidade nessa hora.

E o sol já está me pegando de lado e não de cima. Só pode estar mais amarelado por causa da poeira suspensa no ar. Quando não está a pino, o sol tem que atravessar mais ar, mais poeira, mais atmosfera.

E as montanhas, quanto mais longe estão, vão se azulando porque o ar é azul. E quanto mais ar entre elas e nós, vão deixando de parecer verdes.

E já andei por lá. Sei das montanhas, uma atrás da outra, porque já subi e desci por elas.

As florzinhas estão aí no gramado junto com seu perfume, que dá pra sentir tranquilamente. E como o perfume está suave, acredito que não há tantas flores nesta época. E só podem ser bem coloridas. Para atraírem os insetos.

O animalzinho que passou correndo nem você viu. Mas ouvimos seu tropel, baixinho. Era pequeno. Talvez um rato ou um gambazinho. Se o vento virar para cá, vamos tentar descobrir pelo cheiro dele.

O ruído abafado, lá em frente, me diz de que lado fica a estrada. Hoje, não está tão movimentada. Deve ser porque é domingo. Não há tantos caminhões passando.

O avião que ouvi é um desses grandões, voando a mais de dez quilômetros de altura. É a altitude ideal para economizarem combustível.

E se sinto cascalho quando ando, estamos perto da estradinha que vai dar na chácara onde moro. É só virarmos para o lado em que o sol nos pega no rosto e vamos chegar lá num instante.

Sinta o cheiro dos eucaliptos à sua esquerda, Zé. E o vento soprando macio por entre as folhagens, fazendo um barulhinho gostoso. Do outro lado, sinta o perfume de goiabas maduras. As goiabeiras estão carregadas e as bicadas dos passarinhos destamparam o cheiro que chega até aqui, forte.

Se a gente andar mais um pouco, arrastando os pés para ouvir e sentir o cascalho, não vamos desviar para a grama da beirada da estradinha e perder a direção. Tem um pontilhão logo adiante. O barulho da água escorrendo no riacho mostra que estamos perto.

A chácara vem em seguida, depois da curva.

E... já senti o cheiro do café que a mamãe acabou de coar? Chega até aqui. Gostoso.

Hum. tem bolo de fubá, também.

...

Zé... que barulho foi esse?

Você caiu? Bateu no quê?

Agora, você me pegou com esses barulhos diferentes..."

"Há, há... já estou levantando, Tônico. Não foi nada.

Estava treinando pra sentir, pra ver sem enxergar como você faz.

Errei no caminho. Não percebi o fim do cascalho e bati numa árvore.

Mas vou continuar treinando.

Vamos atrás do cheiro do café?"

"Vamos. Que a mamãe já começou a chamar a gente.

**JÁ ESTAMOS CHEGANDO, MÃE...**

Tem coisa mais bonita do que a mãe da gente, Zé?"



Maurício de Sousa

Maurício de Sousa  
Cartunista



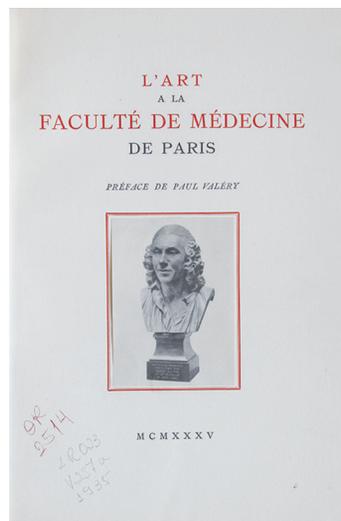
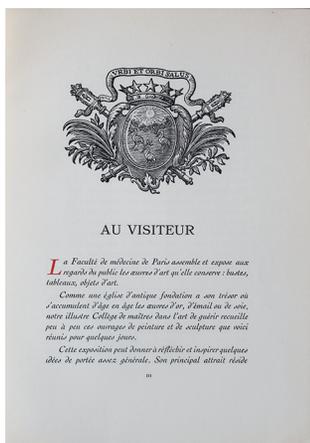
## coluna do livro

### L'art a la *Faculté de Médecine de Paris*

A obra em comento é, em verdade, um inventário das obras de arte da Faculdade de Medicina de Paris, que estão expostas ao público visitante.

Trata-se de bustos, quadros e objetos artísticos. A apresentação do livro é feita por Paul Valéry (1871-1945, filósofo, escritor e poeta), que expõe que o principal atrativo reside na coleção de retratos dos mestres, glórias da Faculdade, que instituíram as suas tradições, com a autoridade universal de seus nomes e de seus ensinamentos.

O livro tem 159 páginas (inventário), acrescidas de 32 pranchas (iconografia), com bustos e quadros representativos (morte de Bichat, Teses Anatômicas e Cirúrgicas etc.), publicado em 1935. Encadernação cartonada dos anos 1980, comprado pela APM em 27 de abril de 1982.



Girodet-Trioson. Hippocrate refusant les présents d'Artaxercès

#### Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

#### DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Guido Arturo Palomba

**Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*),

Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira,

José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba,

Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

**Cinemateca:** Wimer Bottura Júnior

**Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:**

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.